Experimentações no PhotoGraphein: as imagens de “câmeras-sardinha” e o ensino de Artes Visuais

Diana Silveira de Almeida
UFPel,Artes Visuais Modalidade Licenciatura
Amanda Ribeiro Corrêa
UFPel, Especialização em Artes, Centro de Artes
Carine Belasquem Rodriguez
UFPel, Especialização em Artes
Daniela Pereira Santos
UFPel, Artes Visuais Modalidade Licenciatura
Cláudia Mariza Mattos Brandão
UFPel, Centro de Artes, attos@vetorial.net

Resumo: O presente artigo apresenta resultados de uma investigação em desenvolvimento no PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação, UFPel/CNPq, voltada para um processo de fotografia artesanal, conhecido como foto na lata ou pinhole. A pesquisa consiste na construção e utilização de “câmeras-sardinha”, que tem uma lata de sardinha como base, e utilizam o filme fotográfico como material fotossensível. O objetivo das ações consiste em problematizar a instantaneidade dos processos digitais contemporâneos aos quais as novas gerações estão familiarizadas, destacando a contribuição de tais processos para uma educação em Artes Visuais diferenciada, que priorize a produção de imagens acompanhada de processos reflexivos. Ao longo do texto discutimos o funcionamento desses equipamentos, apresentando os materiais e técnicas necessários para a construção das mesmas, e mostrando alguns dos resultados obtidos pelos integrantes do PhotoGraphein.

Palavras-chave: Educação; fotografia; câmera-sardinha.

PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação, UFPel/CNPq, tem como objetivo o desenvolvimento de atividades teóricas e práticas explorando a fotografia como objeto instigador e amplificador do olhar. Em nossas práticas enfatizamos uma abordagem que privilegia discussões poéticas acerca das relações do homem contemporâneo com o meio. Nesse sentido, está em desenvolvimento no Grupo uma pesquisa que consiste na construção e utilização de câmeras fotográficas artesanais, também conhecidas como câmeras pinhole. Essas são câmeras que não possuem lentes e a captação de luz se dá apenas por um buraco feito com qualquer objeto pontiagudo de ponta fina, funcionando como lente e diafragma fixo (BUSSELI, 1997). Tais equipamentos são também chamados de estenopeicos, por serem “basicamente um compartimento todo fechado que veda a entrada de luz. Então, qualquer objeto oco pode se transformar-se em uma câmara pinhole: caixa de sapato, latas de leite e outros objetos de tamanhos e formas distintas” (BUSSELLI, 1977, p.32).

Neste texto apresentamos um tipo específico de câmera pinhole, caracterizada pela utilização de uma lata de sardinha como base para sua construção, e do uso de filme fotográfico como material fotossensível. A pesquisa tem como objetivo o desenvolvimento de câmeras com materiais alternativos que possibilitem a discussão acerca da produção da imagem em âmbito educacional, partindo do entendimento do método fotográfico. Acreditamos que através da construção de câmeras e do conhecimento dos processos manuais, físico-químicos, de geração das imagens fotográficas, seja possível problematizar a instantaneidade dos processos digitais contemporâneos aos quais as novas gerações estão familiarizadas. Neste sentido, consideramos esta prática como um importante propulsor de atividades ligadas à educação estética, instigando a produção de imagens acompanhada de um processo reflexivo, já que estas, em especial,

> agem como dispositivos que estimulam a mente a sonhar, refletir, imaginar e produzir, a partir do repertório simbólico interior (mental) e do exterior (o ambiente), sobre instigações que trazem à tona um movimento de pensamentos e discussões internas a cada indivíduo. (PERES e BRANDÃO, 2009, p.08)

Sendo assim, tais dispositivos promovem o desenvolvimento de produções poéticas quando consideramos os resultados ocasionais que geram, isso porque acreditamos que “conceitos existem através das experiências que temos deles e a dimensão da experiência alojada no ser é um pensamento sem fim” (MERLEAU-PONTY, 1994, p 5).

A partir das discussões e reflexões propostas nos encontros semanais do PhotoGraphein, sentimos a necessidade de experimentações fotográficas que nos oportunizassem o entrecruzamento dos conhecimentos teóricos com os práticos, contribuindo para a nossa formação como arte/educadores na articulação da teoria com a prática. Assim, partindo do conhecimento de que a fotografia analógica é uma impressão luminosa regida pelas leis da Química e da Física, resultante da ação da luz sobre os sais de prata, iniciamos a elaboração e construção de câmeras fotográficas artesanais e de suas experimentações de forma sistematizada, possibilitando o estudo de seu desempenho.

A construção da câmera-sardinha (Figura1) consiste basicamente em dividir seu interior em três compartimentos (os dois das extremidades para os filmes – um vazio e um cheio – e o do meio para a exposição do filme à luz). A lata deve ter um

furo na lateral que coincida com o local de colocação da bobina vazia, pois neste furo será colocado o eixo (que pode ser uma bucha plástica para parafuso) que possibilitará avançar o filme fotográfico do recipiente cheio para o vazio. Seu interior deve estar totalmente escuro, para isso pintamos de tinta PVA preta ou forramos com fita isolante. Um furo deve ser feito centralizado na lata de sardinha para a entrada de luz. Este furo é feito com um prego, no entanto, após deve ser tapado com papel alumínio e este furado com uma agulha de insulina, de forma a diminuir ao máximo o seu diâmetro. Este furo ficará tapado por um pedaço de fita isolante ou por algum outro tipo de tampa adaptada e só será aberto durante os segundos de exposição do filme à luz. A lata é fechada/vedada com uma tampa feita de papelão e EVA, presa com elásticos. Os resultados obtidos são avaliados considerando as particularidades de cada câmera e o material fotossensível utilizado. Além disso, durante as experimentações devem ser anotadas as condições em que cada foto foi feita (tipo de iluminação, horário, tempo de exposição, distância do objeto) para que as análises posteriores das imagens permitam chegar-se às condições ideais de funcionamento das câmeras.



Figura 1: Carine Rodriguez. Estrutura da lata de sardinha, fotomontagem, 2012.

Para elucidar o desenvolvimento das práticas aqui descritas, mostramos a seguir alguns resultados obtidos pelos integrantes do PhotoGraphein em suas experimentações com as câmeras-sardinha, comentando-os.

Este é o resultado da primeira experiência com fotografia pinhole (Figura 2) com filme 35 mm colorido ISO 200. A imagem, obtida com 4 segundos de exposição, mostra um cachorro deitado, se aquecendo numa tarde ensolarada, em Pelotas, às 15 horas e 50 minutos. No caso da Figura 3, foi utilizada uma lata cujo “diafragma” é

arredondado. Isso se deve à colocação de um bico (de uma caixa de suco) na parte de fora da lata, ao redor do furo que permite a passagem da luz. O tempo de exposição desta câmera varia de 3 à 10 segundos, sendo que o tempo de exposição da fotografia apresentada foi de 8 segundos, com filme colorido, 35mm e ISO 200.





Figura 2: Carine Belasquem Rodriguez, *Lagartear*, fotografia Pinhole, 2012.
Figura 3: Diana Silveira de Almeida, *Esquecido*, fotografia Pinhole, 2012.

Esta fotografia (Figura 4), por sua vez, foi obtida na Praia da Capilha, mostrando ao fundo a Lagoa Mirim, no entorno da Estação Ecológica do Taim (Rio Grande, RS). O dia estava ensolarado e o tempo de exposição foi de 3 segundos, para um filme de 35mm, ISO 200.



Figura 4: Daniela Pereira dos Santos, *Sem título*, fotografia Pinhole, 2012.

A fotografia apresentada na Figura 5 mostra um navio encalhado no Porto de Pelotas, obtida com filme 35mm ISO 200. A circunferência que emoldura a imagem se justifica pelo tipo de tampa utilizada na construção da câmera. O dia estava muito

nublado e a fotografia foi feita em torno das 16h, por isso, seu tempo de exposição foi calculado em 8 segundos.



Figura 5: Amanda Ribeiro Corrêa, Sem título, fotografia Pinhole, 2012.

Como as imagens acima demonstram, não é possível prever de antemão como resultarão as fotografias obtidas com as câmeras-sardinha. Pelo número de variáveis envolvidas é fundamental que o fotógrafo estude o seu equipamento até alcançar os resultados desejados. Cabe destacar, que não é nosso objetivo a obtenção de fotografias perfeitas. Ao contrário, contamos sempre com os imprevistos, para que deles surja uma poética própria, diretamente relacionada ao equipamento e às opções do sujeito fotógrafo. O formato de película assumido por algumas imagens é fruto do tipo de scanners utilizado para a digitalização.

Alguns dos resultados do grupo foram expostos na 2ª Mostra Fotográfica "Pelotas: Cotidianos", que ocorreu de 4 a 27 de julho de 2012 no espaço "Artes e Ofício Zona Norte", em Pelotas- RS. O evento foi promovido pelo MAPP - Movimento dos Artistas Plásticos de Pelotas, com caráter exclusivamente cultural, sem qualquer modalidade de premiação. A intenção oportunizar a apresentação da cidade de Pelotas em registros fotográficos dos deslocamentos cotidianos de seus habitantes, revelando a cidade como um espaço de interação. Assim sendo, integrantes do Photographein se prontificaram a andar pela cidade e registrar com as "câmeras-sardinha" seus deslocamentos, apresentando imagens diferenciadas, resultantes de técnicas alternativas, de modo a divulgar os resultados preliminares da investigação em desenvolvimento.

A pesquisa se encontra em sua fase inicial, no entanto, os resultados apontam para o sucesso de processos fotográficos desenvolvidos com câmeras-sardinha. Verificamos que o tamanho do furo é um dos fatores que mais interfere na obtenção de uma imagem com foco, pois quanto menor o furo, melhor o foco, como explica a própria Física Óptica. Para a determinação do tempo de exposição devem ser considerados os fatores externos, como horários e condições de iluminação, partindo-se da avaliação de resultados anteriores. Os materiais utilizados na construção da câmera são de baixo custo, muitas vezes reaproveitados, sendo que o filme e a revelação das imagens representam o maior custo do processo. No entanto, existem soluções mais econômicas, assim como a possibilidade de revelar o filme em um laboratório fotográfico e escanear os negativos para a obtenção das cópias.

Podemos afirmar que com as câmeras-sardinha "todos tem as mesmas possibilidades de produção, indistintamente, remetendo à gênese da fotografia, quando é possível democratizar todas as experiências pela tradução de imagens" (SONTAG, 2008, p. 8). As palavras de Sontag confirmam as nossas descobertas, sendo que a câmera-sardinha nos convoca a refletir sobre o conceito de imagem e os seus processos de geração. Dispor-se a vivenciar os imprevistos propostos pelos processos aqui apresentados, é romper com a linearidade dos processos digitais contemporâneos em busca do sonho e do devaneio poético. Parâmetros, esses, alijados da realidade do ensino das Artes Visuais num número considerável de instituições escolares. Assim sendo, o PhotoGraphein, através de suas câmeras-sardinha, contribui para o desenvolvimento de novos olhares traduzidos em fotografias que frutificam da curiosidade dos sujeitos em interação com o mundo.

Referências

BUSSELLI, Michael. *Tudo sobre fotografia*. Circulo do livro, São Paulo, 1977.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenología de la Percepción*. Buenos Aires: Planeta-Agostini. 1994.

PERES, Lúcia; BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos. A fotografia como *graphia* de memórias: das professoras em nós. In: MEMÓRIAS DOCENTES: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação. 1 ed. Brasília: Liber Livro Editora Ltda, 2009

SONTAG, Susan. *Ensaios sobre a fotografia*. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.